

E. LOCKHART
O HISTÓRICO
INFAME DE
FRANKIE
LANDAU-BANKS

Tradução
ANDRÉ CZARNOBAI

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2008 by E. Lockhart
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Disreputable History of Frankie Landau-Banks

CAPA Cassio Leitão

IMAGEM DE CAPA David Toase/ Getty Images

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lockhart, E.

O histórico infame de Frankie Landau-Banks / E. Lockhart ;
tradução André Czarnobai. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: The Disreputable History of Frankie Landau-
-Banks.

ISBN 978-85-65765-20-6

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título.

13-07544

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UMA EVIDÊNCIA



14 de dezembro de 2007

Para: Diretor Richmond e o Conselho Administrativo da
Escola Preparatória Alabaster

Eu, Frankie Landau-Banks, venho por meio desta confessar que sou a única por trás das malcriações da Leal Ordem dos Bassês. Assumo responsabilidade total pelos transtornos provocados pela Ordem — incluindo a Garota da Biblioteca, os Cãezinhos na Janela, a Noite dos Mil Cães, a Revolta da Beterraba Enlatada e o sumiço do Peixinho.

Isto é, eu escrevi as instruções indicando a todos o que deviam fazer.

Eu, e somente eu.

Não importa o que Porter Welsch tenha dito a vocês em sua declaração.

É claro que os cães da Ordem são seres humanos com livre-arbítrio. Eles executaram suas tarefas sem demonstrar qualquer tipo de remorso. Eu não os ameacei ou coagi de forma alguma, e se eles decidiram seguir as minhas instruções, não foi por medo de retaliação.

Vocês me pediram que eu lhes entregasse seus nomes. Respeitosamente, vou me recusar a fazê-lo. Não é meu papel pugnar ou impugnar o caráter deles.

Gostaria de ressaltar que muitas das traquinagens da Ordem foram elaboradas como crítica social. E que muitos membros da Ordem foram afastados de comportamentos muito mais destrutivos graças às atividades que prescrevi a eles. Então talvez minhas ações tenham contribuído para um bem maior, apesar das inconveniências que vocês, sem dúvida, sofreram.

Compreendo totalmente a infelicidade do Conselho com esses incidentes. Reconheço que minhas atitudes perturbaram o bom funcionamento de seu estabelecimento patriarcal. Ainda assim, gostaria de sugerir que vocês encarassem cada um dos projetos da Leal Ordem com desinfelicidade, por se tratar da desobediência civil criativa de alunos dotados de consciência política e que se expressam através da arte.

Não estou pedindo que desculpem o meu comportamento; apenas que não me culpem sem levar em conta o contexto.

Atenciosamente,

Frances Rose Landau-Banks

Frances Rose Landau-Banks,

turma de 2010

CISNE



MUITO EMBORA, EM RETROSPECTIVA, não tenha sido tão surpreendente quanto as travessuras que ela aprontaria quando voltasse para a escola, o que aconteceu com Frankie Landau-Banks nas férias de verão após o primeiro ano do ensino médio foi um choque. Foi certamente perturbador o bastante para incomodar Ruth, a mãe conservadora de Frankie, e incitar diversos rapazes na vizinhança de Frankie em Nova Jersey a pensarem (e até fazerem) coisas que jamais haviam imaginado.

Frankie, por sua vez, também estava perturbada.

Entre maio e setembro ela ganhara dez centímetros e nove quilos, todos nos lugares certos. De uma criança magricela e desajeitada, com mãos muito grandes para os braços, uma cabeleira castanha, crespa e rebelde e um queixo tão pontudo que levou vovó Evelyn a dizer que “se é pra fazer uma cirurgia plástica, melhor que seja antes da faculdade”, ela se transformou numa mulher cheia de curvas e com uma beleza inusitada que os rapazes achavam nitidamente atraente. Seu rosto se arredondou, ela ganhou corpo e, de uma criança ca-

seira, se converteu num prato cheio — tudo isso enquanto lia os contos da Dorothy Parker e bebia limonada, deitada tranquilamente em uma rede no seu quintal suburbano.

A única coisa que a própria Frankie havia feito para ajudar na mudança foi investir em creme sem enxágue para domar o *frizz*. Ela não era o tipo de garota que tentaria sozinha uma “transformação total”. Ela tinha passado bem pela Escola Preparatória Alabaster sem isso, apesar de seu colégio interno ser (como Zada, sua irmã mais velha, ressaltava) uma instituição dominada pela elite protestante, onde os católicos estavam basicamente dentro do armário e os membros da “comunidade” tinham mudado em massa seus sobrenomes de coisas como Bernstein para coisas como Burns.

Frankie passou ileso pela Alabaster por ser a irmã mais nova de Zada. Ela era veterana quando Frankie entrou na escola, e apesar de nunca ter sido imensamente popular, Zada tinha um grupo de amigos leais e era respeitada por falar o que pensava. Ela deixou Frankie andar com seu grupo no começo do ano letivo, e deixou bem claro para todo mundo que ninguém devia mexer com a sua irmã. Zada deixava sua irmãzinha sentar com ela no almoço sempre que necessário, e a apresentou a pessoas da equipe de remo, da equipe de lacrosse, do grêmio estudantil e do Clube de Debates. Frankie acabou entrando para este último — e provou-se uma competidora surpreendentemente afiada.

Frankie honrou sua parte do acordo se esforçando ao máximo para não envergonhar Zada. Ela vestiu as roupas que Zada disse a ela para vestir, foi bem nas aulas e fez amizade

com um grupo de calouros levemente nerds que não eram nem tremendamente bobocas, nem tragicamente cafonas.

Quando o verão terminou e Zada partiu rumo a Berkeley, Frankie estava linda, cheia de curvas e tão sensual que adolescentes chegavam a parar quando passavam por ela na rua. Mas se a intenção destas páginas é descrever de forma precisa a transformação de Frankie e seu suposto mau comportamento, é importante notar que seu desenvolvimento físico não foi, no início, acompanhado por um desenvolvimento mental semelhante. Intelectualmente, Frankie não era, nem de longe, a mente quase criminosa que criou a Sociedade de Libertação dos Peixes e que, quando adulta, provavelmente irá comandar a CIA, dirigir filmes de ação, projetar foguetes ou, quem sabe (se ela se perder no caminho), chefiar uma organização criminosa. No começo do segundo ano, Frankie Landau-Banks não era nada disso. Ela era uma garota que gostava de ler, tinha tido apenas um namorado, gostava da equipe do Clube de Debates e ainda mantinha hamsters numa gaiola cheia de túneis coloridos. Ela era muito inteligente, mas não havia nada estranhamente ambicioso ou anormal em suas funções mentais.

Sua comida favorita era guacamole e sua cor favorita era branco.

Ela nunca havia se apaixonado.

UM ENCONTRO CASUAL QUE SE PROVARIA FUNDAMENTAL



UM DIA DEPOIS QUE ZADA FOI para Berkeley, Frankie e sua mãe viajaram ao litoral para passar um feriado prolongado com os dois tios divorciados de Frankie e três primos. Eles alugaram uma casa decrépita de cinco quartos num terreno cimentado, a duas quadras de distância da praia e do calçadão.

Os primos de Frankie tinham todos entre dez e treze anos. E eram todos meninos. Um bando de criaturas vis, do ponto de vista de Frankie, já que eles passavam o dia se esmurrando, arremessando comida, peidando e bisbilhotando suas coisas, a menos que ela trancasse a porta do quarto.

Todos os dias o grupo arrastava cadeiras de praia, toalhas, pretzels, latas de cerveja (para os tios), sucos de caixinha e equipamentos esportivos até a praia, onde permanecia por umas boas seis horas. Frankie não conseguia ler um romance sem que colocassem um siri em seus joelhos, jogassem um balde de água salgada em sua barriga ou derramassem uma caixa de suco de uva em sua toalha. Ela não conseguia nadar sem que um de seus primos tentasse segurar suas pernas ou

espirrar água nela. Ela não conseguia comer sem que um dos meninos roubasse uma batatinha frita do seu prato, ou chutasse areia sobre sua comida.

No último dia de viagem, Frankie estava deitada numa toalha de praia ouvindo seus tios carecas e levemente barri-gudos discutindo a temporada dos Jackals na segunda divi-são. A mãe de Frankie tirava uma soneca em uma cadeira de praia. Pelo menos por enquanto os primos estavam na água, competindo para ver quem ficava mais tempo sem respirar, e eventualmente tentando afogar uns aos outros.

— Posso ir até a cidade? — Frankie perguntou.

Ruth levantou os óculos de sol e franziu o cenho para a filha.

— Por quê?

— Pra dar uma volta. Tomar um sorvete. Talvez comprar uns cartões-postais — Frankie respondeu. Ela queria se afastar de tudo aquilo. A proximidade excessiva, as conversas sobre esporte, os peidos e socos.

Ruth se virou para um de seus irmãos.

— Ben, o centro da cidade não fica a, tipo, uns quinze quarteirões daqui? A que distância você acha que fica?

— Isso, uns quinze quarteirões — disse tio Ben. — Ela não deveria ir sozinha.

— Eu não vou com ela. — Ruth baixou os óculos de volta até o nariz. — Vim até aqui para relaxar na praia, não para ficar olhando cartões-postais em lojas para turistas.

— Eu posso ir sozinha — disse Frankie. Ela não queria que Ruth fosse junto mesmo. — Quinze quarteirões não é tão longe assim.

— Tem um pessoal meio estranho por aqui — tio Ben alertou. — Atlantic City fica a poucos quilômetros ao norte.

— Princesinha, você não conhece a região — disse Ruth.

— A casa fica na Sea Line Avenue, número 42 — respondeu Frankie. — É só virar à esquerda na Oceanview e seguir numa linha reta até o lugar onde ficam as lojas. Fui até o supermercado com o tio Paul, lembra?

Ruth contorceu os lábios.

— Não acho uma boa ideia.

— O que você acha que vai acontecer? Não vou entrar no carro de nenhum estranho. Eu tenho celular.

— Não é uma cidade conhecida — disse Ruth. — Não quero discutir sobre isso.

— Mas o que você acha que vai acontecer?

— Não quero entrar no mérito.

— Como você acha que eu atravesso a rua quando estou na Alabaster, hein?

— Princesinha...

— Porque eu atravesso a rua quando você não está comigo, mãe. Surpresa.

Tio Paul falou:

— Deixe ela ir, Ruth. Eu deixei o Paulie Júnior ir no ano passado, quando ele tinha só doze anos, e tudo correu bem.

— Viu? — Frankie virou-se para a mãe.

— Fique fora disso, Paul — disse Ruth, rispidamente. — Não dificulte a minha vida.

— Tudo bem o Paulie Júnior ir até a cidade e eu não? O Paulie Júnior ainda enfia o dedo no nariz. Isso é muito dois pesos e duas medidas.

— Não é, não — respondeu Ruth. — O que o Paul faz com o Paulie Júnior é problema dele, e o que eu faço com você é problema meu.

— Você está me tratando como um bebê.

— Não, não estou, princesinha — Ruth disse. — Estou tratando você como uma adolescente muito atraente, mas ainda muito novinha.

— E sem cérebro.

— Talvez sem o melhor julgamento das coisas — disse Ruth.

— Desde quando eu julgo mal as coisas?

— Desde que você resolveu caminhar quinze quarteirões até uma cidade que não conhecemos direito usando só um biquíni de lacinho. — Ruth tinha se irritado. — Eu não devia ter deixado você ir às compras com Zada. Sério, Frankie, você está praticamente pelada. Se você fosse até a cidade e se perdesse, o que você acha que ia acontecer?

— Eu usaria o meu celular para ligar para você.

— Esse não é o meu ponto.

— Então quer dizer que se eu fosse feia, você me deixaria ir? — Frankie perguntou.

— Não começa.

— Que tal se eu desse uma passada em casa para colocar um vestido?

— Frankie.

— Se eu fosse um garoto, você me deixaria ir?

— Você quer estragar nosso último dia de viagem com uma briga? — estourou Ruth. — É isso que você quer?

— Não.

— Então pare de me responder desse jeito. Deixe isso pra lá e aproveite a praia.

— Então tá. Vou dar uma volta no calçadão. — Frankie levantou, enfiou os pés nos chinelos, pegou a bolsa onde estava a carteira e saiu caminhando pela areia.

— Volte em uma hora! — gritou Ruth. — Ligue para o meu celular se for se atrasar.

Frankie não respondeu.

Não é que ela quisesse muito aqueles cartões-postais — ou mesmo que quisesse ir à cidade tanto assim. Não é que Ruth fosse cheia de regras, também; ou que Paulie Júnior tivesse ido sozinho no ano passado.

O problema era que para eles — para o tio Ben e sua mãe, e talvez até mesmo para o tio Paul — Frankie ainda era a *princesinha*.

Não uma pessoa inteligente, com senso de direção e capacidade de usar um celular. Não uma pessoa que poderia resolver um problema.

Nem sequer uma pessoa capaz de caminhar quinze quarteirões sozinha sem ser atropelada.

Para eles, ela era a *princesinha*.

Inocente.

Precisando de proteção.

Inofensiva.

Meia hora e duzentos metros calçadão adentro mais tarde, Frankie estava tremendo naquele biquíni de lacinho. Ela tinha comido metade do sorvete de chocolate antes de o céu ficar nublado. Agora a casquinha estava lhe dando calafrios, mas tinha custado quase cinco dólares e ela não era capaz de jogar fora.

Suas mãos estavam grudentas e ela se arrependia de não ter levado um moletom junto.

— Você vai comer isso?

Frankie se virou. Sentado na beirada do calçadão, com os pés balançando, estava um garoto grandão, com o cabelo cor de areia e uns dezessete anos de idade. Seus olhos pequenos e amigáveis estavam apertados por causa do vento, e seu nariz era coberto de sardas.

— Está muito frio.

— Posso comer?

Frankie o encarou.

— Sua mãe não te ensinou que mendigar é feio?

O garoto riu.

— Ela tentou. Mas pelo jeito sou um caso perdido.

— Você realmente quer um sorvete que foi lambido por uma estranha? Isso é nojento.

— É mesmo — disse o garoto, esticando o braço para pegar o sorvete. — Mas só um pouquinho. — Frankie deixou que ele o pegasse. Ele botou a língua para fora e encostou na casquinha. Então empurrou o sorvete todo para dentro,

cobrindo-o com a boca. — Viu? Agora o pior já passou e ficou só a minha baba. E consegui sorvete de graça.

— ã-hã.

— Você ficaria surpresa com as coisas que as pessoas fazem quando você pede a elas.

— Eu não queria o sorvete mesmo.

— Eu sei. — O garoto sorriu. — Mas talvez você tivesse me dado mesmo que quisesse. Só porque eu pedi. Você não acha?

— É muita presunção sua. Cuidado.

— Detesto ver comida sendo desperdiçada. Estou sempre com fome.

O garoto levantou as sobrancelhas e, de repente, Frankie sentiu que sua mãe tinha razão quanto ao biquíni de lacinho. Não era roupa suficiente.

Ela estava ali, vestindo basicamente sua roupa de baixo, enquanto conversava com um garoto desconhecido.

E o biquíni era ainda menor que sua roupa de baixo.

E o garoto era uma gracinha.

— Em que série você está? — ela perguntou. Para falar de alguma coisa trivial.

— Indo para o quarto ano. E você?

— Segundo.

— Você é uma criança!

— Não diga isso.

— Tudo bem. — Ele deu de ombros. — Mas pensei que você fosse mais velha.

— Bem, eu não sou.

— Onde você estuda?

— No norte de Massachusetts. — Frankie disse o que os alunos da Alabaster sempre diziam, para evitar a ostentação de admitir que estudavam em uma das mais caras e rigorosas escolas particulares do país. Do mesmo jeito que alunos de Yale inevitavelmente diziam que estudavam “em New Haven”.

— Onde? — o garoto perguntou.

— Por quê? Você conhece o norte de Massachusetts?

— Um pouco. Estudo na Landmark de Nova York.

— Ah.

— Agora é a sua vez. Onde você estuda?

— O nome da escola é Alabaster.

— Uau. — Um sorriso se formou no rosto do garoto.

— Que foi?

— Ora, todo mundo já ouviu falar da Alabaster. Exeter, Andover e Alabaster. O triunvirato das escolas preparatórias.

— Acho que sim. — Frankie corou.

— Dirigi da cidade até aqui só para passar a tarde — disse o garoto.

— Sozinho?

Ele deu de ombros.

— É. Eu tive uma briga com a unidade menstrual.

— Com quem?

— Minha mãe. A unidade menstrual, a unidade maternal, você sabe.

— Você brigou com a sua mãe, e então resolveu vir até aqui sozinho para afanar sorvete de garotas?

— Algo assim.

O celular de Frankie vibrou em sua bolsa.

— Falando em mães — ela disse, e abriu o telefone. — A minha está furiosa.

— Onde você está? — Ruth perguntou. — Estou caminhando pelo calçadão e não vejo você em lugar nenhum.

— Estou perto do quiosque de sorvete. Por quê?

— Paulie Júnior pisou numa água-viva. Estamos arrumando as coisas. Que quiosque de sorvetes? Tem pelo menos uns cinco.

— Espera aí. — Frankie não queria que sua mãe visse o garoto. Aquele garoto esperto e estranho com quem ela provavelmente não deveria estar conversando. E ela também não queria que o garoto conhecesse Ruth. — Ela está puxando a minha correia — ela disse a ele, estendendo a mão. — Tenho que ir.

A mão dele era quente e firme.

— Boa sorte na escola — ele disse. — Talvez eu te veja por aí.

— Frankie? Frankie! Com quem você está falando? — Ruth vociferava ao telefone.

— Você não vai me ver por aí — riu Frankie, começando a se afastar. — Você mora em Nova York.

— Talvez eu more, talvez não — disse o garoto. — Você disse Alabaster, não?

— Isso.

— O.k., então.

— Tenho que ir. — Frankie colocou o telefone de volta

no ouvido. — Mãe, estou voltando. Chego aí em cinco minutos. Será que dá pra você relaxar?

— Até mais — o garoto gritou.

Frankie gritou de volta:

— Espero que tenha gostado do sorvete.

— Prefiro o de baunilha! — ele gritou.

E quando ela se virou para vê-lo mais uma vez, ele tinha sumido.